

Da autora de *Como eu era antes de você*

intrínseca

Paris para ~~dois~~ um

E OUTROS CONTOS



JOJO MOYES

“Atrevidas, engraçadas e autênticas, as histórias desta coletânea são Jojo Moyes em sua essência.”

Publishers Weekly

Paris
para ~~dois~~
um

E OUTROS CONTOS

Paris
para ~~dois~~
um

E OUTROS CONTOS

JOJO MOYES

Tradução de Adalgisa Campos da Silva,
Marina Vargas e Viviane Diniz



Copyright © 2016 by Jojo's Mojo Limited

“O casaco do ano passado,” “Um pássaro na mão,” “Treze dias com John C,” “Sapatos de couro de crocodilo” e “A lista de Natal” foram publicados originalmente em *Woman & Home*.

“Entre os tuítes,” “Tarde de amor” e “Assalto” foram lidos e transmitidos pela BBC.

“Lua de mel em Paris” foi originalmente publicado com o título “Honeymoon in Paris” em 2012.

TÍTULO ORIGINAL

Paris for One and Other Stories

PREPARAÇÃO

Marina Góes

REVISÃO

Milena Vargas

DIAGRAMAÇÃO

Kátia Regina Silva | Babilonia Cultura Editorial

CAPA E ILUSTRAÇÕES DE MIOLO

Aline Ribeiro | linesribeiro.com

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M899p

Moyes, Jojo, 1969-

Paris para um e outros contos / Jojo Moyes ; Tradução de Adalgisa Campos da Silva, Marina Vargas e Viviane Diniz. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Intrínseca, 2017.

240 p. : il. ; 23 cm.

Tradução de: Paris for one and other stories

ISBN: 978-85-805-7972-7

1. Conto inglês I. Silva, Adalgisa Campos da. II. Vargas, Marina. III. Diniz, Viviane. IV. Título.

17-39004

CDD: 823

CDU: 821.111-3

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3ª andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para minha mãe, Lizzie Sanders

SUMÁRIO

Paris para um	9
Entre os tuítes	99
Tarde de amor	109
Um pássaro na mão	119
Sapatos de couro de crocodilo	131
Assalto	139
O casaco do ano passado	149
Treze dias com John C	159
A lista de Natal	171
Lua de mel em Paris	181

Paris
para ~~dois~~
um



1

Nell muda sua bolsa de lugar no banco plástico da estação e confere o relógio na parede pela octogésima nona vez. Desvia o olhar quando a porta da Segurança se abre. Outra família — claramente com destino à Disney — entra no salão de embarque, com um carrinho de bebê, crianças gritando e pais que estão acordados há tempo demais.

Durante a última meia hora seu coração bateu forte, uma sensação ruim bem no alto do peito.

— Ele virá. Ele ainda virá. Ainda pode chegar a tempo — murmura ela baixinho.

— O trem 9051 com destino a Paris partirá da Plataforma Dois em dez minutos. Por favor, dirijam-se à plataforma. Lembrem-se de levar toda a bagagem.

Ela morde o lábio, então manda outra mensagem — já é a quinta.

Onde você tá? O trem vai sair!

Ela lhe enviara duas mensagens ao sair de casa, confirmando que se encontrariam na estação. Como ele não respondeu, disse a si mesma que devia ser porque ela estava no metrô. Ou ele. Ela envia uma terceira mensagem, e uma quarta. Então, enquanto está parada ali, o telefone vibra em sua mão e ela quase desmaia de alívio.

Desculpe, baby. Preso no trabalho. Não vou chegar a tempo.

Como se eles tivessem planejado sair para beber e bater papo. Ela olha para o telefone, incrédula.

Não dá tempo de pegar esse trem? Devo esperar?

E, segundos depois, a resposta:

Não, vai você. Vou tentar pegar o próximo.

Ela está chocada demais para ficar com raiva. Continua parada enquanto as pessoas se levantam à sua volta, vestindo casacos, e digita depressa uma resposta.

Mas onde vamos nos encontrar?

Ele não responde. *Preso no trabalho*. É uma loja de roupas de surfe e mergulho. No outono. Será que está tão ocupado assim?

Ela olha em volta, como se ainda pudesse ser uma piada. Como se ele fosse, agora mesmo, passar pelas portas com seu largo sorriso, dizendo que estava só de provocação (ele gosta muito de provocá-la). E fosse pegar seu braço, beijar seu rosto com os lábios frios do vento, e dizer algo como:

“Você achou mesmo que eu ia perder isso? Sua primeira viagem a Paris!”

Mas as portas de vidro permanecem firmemente fechadas.

— Senhora? A senhora precisa se dirigir à plataforma.

O fiscal do Eurostar estende a mão para pegar o bilhete. Por um segundo, ela hesita — *ele virá?* — e, então, está no meio da multidão, sua pequena mala de rodinhas deslizando atrás dela. Nell para e escreve:

Me encontre no hotel então.

Ela desce a escada rolante enquanto o enorme trem entra rugindo na estação.

“Como assim *você não vai?* Estamos planejando isso há séculos.”

É a Viagem Anual das Garotas a Brighton. Há seis anos, elas vão para lá na primeira semana de novembro — Nell, Magda, Trish e Sue —, amontoadas no quatro por quatro de Sue ou no carro da empresa de Magda. É a forma delas de escapar da rotina por duas noites; bebendo, saindo com rapazes em despedidas de solteiro e curando ressacas com cafés da manhã bem servidos em um hotel de baixo custo chamado Brightsea Lodge, com fachada cheia de rachaduras e tinta desbotada, o ar lá dentro impregnado por décadas de bebida e loções pós-barba baratas.

A viagem anual sobreviveu a dois bebês, um divórcio e um caso de herpes-zóster (elas passaram a primeira noite festejando no quarto de hotel de Magda em vez de sair). Nenhuma delas jamais havia perdido uma viagem.

“Bem, Pete me convidou para ir a Paris.”

“Pete vai te levar a Paris?” Magda a encarara como se ela tivesse dito que estava aprendendo a falar russo. “Pete *Pete?*”

“Ele diz que é inacreditável que eu nunca tenha viajado para lá.”

“Fui a Paris uma vez, em uma excursão da escola. Me perdi no Louvre, e alguém jogou meu tênis no vaso sanitário do albergue,” disse Trish.

“Dei um beijo de língua em um garoto francês porque ele parecia aquele cara que sai com a Halle Berry. Depois descobri que, na verdade, ele era alemão.”

“Aquele *Pete do cabelo diferente? Seu Pete?* Não estou sendo má. Só achei que ele era meio...”

“Fracassado”, completou Sue, solícita.

“Detestável.”

“Inútil.”

“Obviamente estávamos erradas. No fim das contas ele é o tipo de cara que leva Nell para fins de semana românticos em Paris. O que... você sabe, é ótimo. Só gostaria que não fosse no mesmo fim de semana prolongado que o *nosso* fim de semana prolongado.”

“Bem, como já tínhamos comprado os bilhetes... ficava difícil...”, murmurou Nell, acenando a mão e esperando que ninguém perguntasse quem tinha comprado os bilhetes. (Era o único fim de semana antes do Natal que ainda tinha desconto.)

Ela planejava a viagem tão meticulosamente quanto organizava a papelada do escritório. Tinha pesquisado na internet os melhores lugares para ir, checando o TripAdvisor em busca dos melhores preços de hotéis, conferindo cada opção no Google e colocando os resultados em uma planilha.

Por fim, tinha escolhido um lugar atrás da rue de Rivoli — “limpo, agradável, muito romântico” — e reservado um “quarto executivo de casal” para duas noites. Imaginou-se enroscada com Pete na cama de um hotel francês, olhando para a Torre Eiffel pela janela, de mãos dadas em meio a croissants e cafés em algum café com mesas na rua. Ela se deixava levar pelas imagens que conhecia: na verdade, não tinha muita ideia do que podia fazer em um fim de semana em Paris, além do óbvio.

Aos vinte e seis anos, Nell Simmons nunca passara um fim de semana fora com um namorado, a menos que aquela vez em que tinha escalado com Andrew Dinsmore contasse. Eles tiveram que dormir no Mini Cooper dele, e ela acordara com tanto frio que não conseguira mover a cabeça durante seis horas.

A mãe de Nell, Lilian, adorava dizer para quem quisesse ouvir que a filha “não era do tipo aventureira”. Ela também “não era do tipo que gostava de viajar”, “não era do tipo de garota que pode contar com a aparência”, e agora, às vezes, quando sua mãe achava que Nell não estava ouvindo, “não era mais juvenzinha”.

Crescer em uma cidade pequena era assim: todos achavam que sabiam exatamente quem você era. Nell era a garota sensata. Tranquila. Aquela que pla-

nejava tudo cuidadosamente, em quem se podia confiar para regar suas plantas, cuidar dos seus filhos e não fugir com o marido de ninguém.

Não, mãe. Na verdade, pensou Nell quando imprimiu os bilhetes, olhou para eles por um tempo e depois guardou-os em uma pasta com todas as informações importantes, sou o tipo de garota que passa o fim de semana em Paris.

À medida que o grande dia se aproximava, ela começou a achar divertido tocar no assunto casualmente.

“Tenho que ver se meu passaporte ainda está válido”, disse ela ao se despedir da mãe após o almoço de domingo.

Comprou lingerie nova, depilou as pernas, pintou as unhas dos pés com uma tonalidade viva de vermelho (em geral usava cores claras).

“Não se esqueçam de que vou sair cedo na sexta”, disse ela no trabalho. “Você sabe. Paris.”

“Ah, você é tão sortuda”, disseram em coro as meninas da Contabilidade.

“Estou morrendo de inveja”, confessou Trish, que desgostava de Pete um pouco menos do que as outras.

Nell sobe no trem e acomoda sua bolsa, perguntando-se se Trish estaria com inveja se a visse agora: uma garota indo para Paris ao lado de um assento vazio, sem nenhuma ideia se seu namorado iria aparecer.

A Gare du Nord, em Paris, está fervilhando de gente. Ela passa pelos portões da plataforma e congela na hora, parada ali no meio daquela multidão, todos empurrando e esbarrando uns nos outros, malas de rodinhas acertando suas canelas. Grupos de jovens carrancudos com casacos esportivos observam tudo a distância, e ela se lembra de repente que a Gare du Nord é o epicentro francês do furto de carteiras. Com a bolsa presa firmemente ao lado do corpo, ela caminha hesitantemente em uma direção e depois na outra, por um momento perdida entre os quiosques de vidro e as escadas rolantes que parecem não levar a lugar algum.

Um sinal de três notas soa no alto-falante, e o locutor da estação diz algo em francês que Nell não consegue entender. Todos os outros andam rapidamente, como se soubessem aonde estão indo. Está escuro lá fora, e ela sente o pânico subir como uma bolha em seu peito. *Estou numa cidade que não conheço, nem sequer falo a língua.* E então ela vê a placa: TÁXIS.

A fila tem umas cinquenta pessoas, mas ela não se importa. Revira a bolsa atrás da impressão com a reserva do hotel e, quando finalmente chega ao início da fila, estende o papel.

— Hôtel Bonne Ville — diz ela. — Humm... *s'il vous plaît.*

O motorista olha para ela como se não entendesse o que foi dito.

— Hôtel Bonne Ville — repete ela, tentando soar francesa (havia praticado em casa em frente ao espelho). Tenta mais uma vez: — *Bonne Ville.*

Ele parece confuso e pega o papel de sua mão. Então examina a folha por um instante.

— Ah! Hôtel Bonne Ville! — diz ele, erguendo os olhos para o céu.

O taxista devolve o papel para ela e sai em direção ao tráfego pesado.

Nell recosta-se no banco e deixa escapar um longo suspiro.

E... bem-vinda a Paris.

A viagem, prejudicada pelo trânsito, leva vinte longos e caros minutos. Pela janela, ela olha para as ruas movimentadas, os salões de cabeleireiro, repetindo as placas de estrada francesas baixinho. Os elegantes edifícios acinzentados se erguem majestosos em direção ao céu da cidade, e os cafés brilham na noite de

outono. Paris, pensa ela, e, com uma súbita e inesperada onda de empolgação, sente de repente que vai ficar tudo bem. Pete chegará mais tarde. Nell estará à sua espera no hotel, e amanhã eles rirão de como ela ficou preocupada em viajar sozinha. Ele sempre diz que ela se preocupa demais.

Relaxe, baby, ele vai dizer. Pete nunca se estressa com nada. Ele tinha viajado o mundo com uma mochila nas costas e ainda levava o passaporte no bolso... “só por garantia”. Quando sofrera um assalto à mão armada no Laos, contou ele, só procurou relaxar.

“Não adiantava nada ficar estressado. Ou eles iam atirar em mim ou não. Não havia nada que eu pudesse fazer.” Ele balançou a cabeça. “Acabamos saindo para tomar uma cerveja com aqueles caras.”

Ou como na vez em que ele estava em uma pequena balsa no Quênia, que virou no meio do rio.

“Só cortamos os pneus das laterais do barco e ficamos nos segurando neles até a ajuda chegar. Eu estava bem calmo também... até me contarem que havia crocodilos na água.”

Nell às vezes se perguntava por que Pete, com seu rosto bronzeado e suas intermináveis experiências de vida (mesmo que fizessem as meninas torcer o nariz), tinha resolvido ficar com ela. Não era exuberante nem ousada. Na verdade, nunca havia ido muito longe de casa. Certa vez, ele lhe disse que gostava dela porque não enchia sua paciência.

“Minhas ex-namoradas ficavam assim no meu ouvido.” E fez com a mão o gesto típico de tagarelice. “Você... Bem, é relaxante estar ao seu lado.”

Nell às vezes se perguntava se isso a fazia parecer um sofá em uma loja de móveis, mas provavelmente era melhor não se prender muito a essas questões.

Paris.

Ela abaixa a janela, absorvendo os sons das ruas movimentadas, o cheiro de perfume, café e fumaça, a brisa soprando e levantando seu cabelo. É exatamente como tinha imaginado. Os prédios são altos, com janelas compridas e pequenas sacadas — não comerciais. Parece haver em todas as esquinas um café com mesas redondas e cadeiras do lado de fora. E, à medida que o táxi segue mais para dentro da cidade, as mulheres ficam mais elegantes e as pessoas se cumprimentam com beijos quando se encontram nas calçadas.

Estou mesmo aqui, pensa ela. E de repente fica feliz por ter algumas horas para se refrescar e se arrumar antes de Pete chegar. Pelo menos dessa vez, ela não queria ser ingênua e surpreendida.

Serei *parisiense*, diz a si mesma, e afunda de volta no banco.

O hotel fica em uma rua estreita perto da avenida principal. Ela conta os euros de acordo com o valor indicado no taxímetro e os entrega ao motorista. Mas, em vez de pegar o dinheiro, ele age como se ela o tivesse insultado, acenando em direção ao porta-malas e fazendo careta.

— Desculpe. Eu não entendo — diz ela.

— *La valise!* — grita o taxista.

Depois dispara mais alguma coisa em francês, que ela não consegue entender.

— O guia disse que esta viagem custaria no máximo trinta euros. Eu pesquisei.

Mais gritos e gestos. Depois de uma pausa, ela faz um movimento afirmativo com a cabeça, como se tivesse entendido, então, tensa, lhe entrega mais dez euros. Ele pega o dinheiro, balança a cabeça e em seguida joga a mala dela na calçada. Enquanto o taxista sai com o carro, ela fica ali parada e se pergunta se acabou de ser enganada.

Mas o hotel parece bom. E ela está ali! Em Paris! Decide que não vai deixar nada perturbá-la. Então entra e se vê em um saguão estreito impregnado pelos aromas de cera de abelha e alguma outra coisa que conclui ser indefinivelmente francesa. As paredes são forradas por painéis de madeira, as poltronas, antigas, mas elegantes. Todas as maçanetas são de bronze. E ela já está imaginando o que Pete vai achar. *Nada mau*, dirá ele, balançando a cabeça. *Nada mau, baby*.

— Olá — cumprimenta ela, nervosa, e, em seguida, já que não faz ideia de como falar isso em francês: — *Parlez anglais?* Reservei um quarto.

Outra mulher chega atrás dela, bufando ao revirar a bolsa atrás de sua papelada.

— Sim. Eu também reservei um quarto. — E bate com os papéis no balcão, ao lado de Nell.

Nell se afasta um pouco e tenta não se sentir oprimida.

— Ai. Foi um *pesadelo* chegar aqui. Um *pesadelo*. — A mulher é americana. — O trânsito em Paris é um *inferno*.

A recepcionista tem quarenta e poucos anos, usa o cabelo preto curto no estilo Louise Brooks. Ela ergue os olhos para as duas mulheres, franzindo a testa.

— Vocês duas têm reservas?

Ela se inclina para a frente e examina os papéis. Em seguida, devolve cada um para sua respectiva dona.

— Mas só tenho um quarto disponível. Estamos lotados.

— Isso é impossível. Você confirmou a reserva. — A americana empurra o papel de volta para ela. — Eu reservei na semana passada.

— Eu também tenho reserva — diz Nell. — Fiz há duas semanas. Olha, você pode ver na minha impressão.

As duas mulheres se encaram, subitamente conscientes de que estão disputando algo.

— Sinto muito. Não sei como as duas conseguiram reservar. Só temos um quarto. — A francesa faz parecer que a culpa é delas.

— Bem, você terá que nos arrumar outro quarto — diz a americana. — Precisa honrar as reservas. Olha, está tudo aí bem claro.

A francesa ergue uma sobrancelha perfeitamente desenhada.

— Madame. Não posso lhe dar o que eu não tenho. Há apenas um quarto disponível, com duas camas. Posso oferecer um reembolso a uma das duas, mas não tenho dois quartos.

— Mas eu não posso ir a nenhum outro lugar. Estou esperando alguém — explica Nell. — Ele não vai saber onde estou.

— Não vou sair daqui — diz a americana, cruzando os braços. — Acabei de voar nove mil quilômetros, e preciso ir a um jantar. Não tenho tempo para procurar outro lugar.

— Então vocês poderiam dividir o quarto. Posso oferecer às duas um desconto de cinquenta por cento.

— Dividir o quarto com uma estranha? Você só pode estar brincando — rebate a americana.

— Então sugiro que procure outro hotel — conclui a recepcionista friamente e se vira para atender o telefone.

Nell e a americana se entreolham. A mulher diz:

— Acabei de chegar de um voo de Chicago.

— Nunca estive em Paris — retruca Nell. — Nem sei onde encontrar outro hotel.

Nenhuma delas se move. Por fim, Nell fala:

— Olha... meu namorado vai me encontrar aqui. Poderíamos levar nossas malas para cima, e, quando ele chegar, vejo se consegue arrumar outro hotel para nós. Ele conhece Paris melhor do que eu.

A americana olha Nell de cima a baixo lentamente, como se avaliasse se pode confiar nela.

— Não vou dividir o quarto com vocês dois.

Nell a encara com firmeza.

— Acredite em mim, isso também não é o que eu esperava de um fim de semana divertido longe de casa.

— Acho que não temos muita escolha — diz a mulher. — Não acredito que isso esteja acontecendo.

Elas informam o plano à recepcionista, e a irritação da americana parece desproporcional, pensa Nell, já que, basicamente, lhe deu o quarto.

— E, quando essa senhora sair, ainda quero meu desconto de cinquenta por cento — dizia a mulher. — Essa situação toda é uma vergonha. Um serviço assim nunca seria aceito lá de onde eu venho.

Nell se pergunta se algum dia já se sentiu mais desconfortável, presa entre a indiferença da francesa e o ressentimento fervilhante da americana. Ela tenta imaginar o que Pete faria. Ele riria e levaria tudo numa boa. Sua capacidade de rir da vida é uma das coisas que ela acha atraente nele. Está tudo bem, diz a si mesma. Eles vão rir disso depois.

Elas pegam a chave e compartilham um pequeno elevador até o terceiro andar. Nell segue logo atrás. A porta se abre para um quarto de sótão com duas camas.

— Ah — diz a americana. — Não tem banheiro. Odeio quando não tem banheiro. E é tão pequeno...

Nell larga a bolsa. Então se senta na beira da cama e manda uma mensagem para Pete contando o que aconteceu e perguntando se ele pode arrumar outro hotel.

Vou esperar você aqui. Sabe me dizer se chegará a tempo do jantar? Estou morrendo de fome.

Já são oito horas.

Ele não responde. Nell se pergunta se ele está no Eurotúnel: se estiver, ainda falta pelo menos uma hora e meia até ali. Ela fica sentada em silêncio enquanto a americana bufa e abre a mala em cima da cama, pegando todos os cabides para pendurar suas roupas.

— Você está aqui a negócios? — pergunta Nell quando o silêncio fica muito pesado.

— Duas reuniões. Uma hoje à noite e, então, um dia de folga. Não tive um dia de folga no mês todo. — A americana diz isso como se fosse culpa de Nell. — E amanhã tenho que estar do outro lado de Paris. Certo. Preciso sair agora. Vou confiar em que você não vai mexer nas minhas coisas.

Nell olha fixamente para ela.

— Não vou mexer nas suas coisas.

— Não quis ser grosseira. Só não estou acostumada a dividir quartos com pessoas completamente desconhecidas. Quando seu namorado chegar, eu agradecerá se você pudesse entregar sua chave lá embaixo.

Nell tenta não demonstrar raiva.

— Pode deixar — diz ela, e pega seu laptop, fingindo ler, enquanto, com um último olhar para trás, a americana sai do quarto.

E é nesse momento que seu telefone toca. Nell o pega depressa.

Desculpe, baby. Não vou conseguir ir. Faça uma ótima viagem.

Novas paixões, antigos amores secretos, um escândalo no Twitter, um jantar ao lado do ex e até um sapato Louboutin preenchem esses dez contos delicados e irresistíveis com a inconfundível assinatura de Jojo Moyes.

“Moyes está em ótima forma nesta coletânea, com toda a sagacidade e o charme já vistos em *Como eu era antes de você* e outros de seus romances de sucesso.”

People

“Leve como um doce francês. Vai fazer você rir e até mesmo suspirar. É como se Jojo Moyes tivesse tirado férias e nos levado junto.”

USA Today

“Leitura prazerosa e encantadora.”

Kirkus Reviews

ISBN 978-85-8057-972-7



9 788580 579727

www.intrinseca.com.br